

DISCURSO DIVISOR EM MÚSICA GOSPEL

DIVISIVE DISCOURSE IN GOSPEL SONG

Thiago André Rodrigues Leite¹
Karine Rios de Oliveira Leite²
Layla Suellen Gomes da Conceição³

RESUMO:

Consideramos que a música gospel está vinculada diretamente à religião, sobretudo evangélica, que comporta diversas Igrejas, com práticas e pensamentos convergentes e divergentes entre si. Se esse estilo musical já esteve ligado a indivíduos excluídos, hoje o cenário parece ser bem diferente, posto que certas músicas de estilo gospel, na atualidade, indiciam intolerância religiosa, isto é, desrespeito a outras crenças ou descrenças religiosas. Neste artigo, analisamos músicas desse estilo em que, discursivamente, seja possível perceber a divisão entre fiéis e infiéis. Essa divisão leva-nos a perguntar: que possíveis diferenças (discursivas) haveria entre ser fiel e ser infiel? Para compreendermos o que parece motivar a separação entre sujeitos em músicas de estilo gospel, pautamo-nos em Foucault (1995), sobretudo no que diz respeito à noção de “poder pastoral”, a qual tem relação, minimamente, com promessas feitas para além-túmulo. A fim de respondermos ao questionamento, embasamo-nos em autores da Análise de Discurso (AD): Pêcheux (2008) e Orlandi (1987, 2005), os quais, a partir dessa disciplina de interpretação que constroem, permitem-nos olhar para a linguagem, alinhavada ao homem e à sociedade, com menos ingenuidade e mais criticidade. Nesse campo teórico, a noção de “não-dito” é muito cara, pois aponta certos efeitos de sentido divisores. Para a realização deste artigo, objetivamos problematizar como o exercício do poder pastoral em música gospel pode levar à produção do discurso divisor mediante a presença de não-dito no dito, bem como objetivamos analisar possíveis efeitos de sentido produzidos por essa divisão, como exclusão e ódio.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Gospel; Divisão.

ABSTRACT:

We consider that the gospel song is directly bound to the religion, mainly evangelical, which has several churches, with convergent and divergent practices and thoughts among themselves. If this music style has already been linked to excluded individuals, today the scenery seems to be quite different, since certain gospel style songs, nowadays, indicate religious intolerance, that is, disrespect for other religious beliefs or disbeliefs. In this article, we analyze songs from this style in which, discursively, is possible to realize the division between believers and disbelievers. This division makes us ask: what possible

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor EBTT de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Águas Lindas. E-mail: thiago.leite@ifg.edu.br

² Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora EBTT de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Águas Lindas. E-mail: karine.leite@ifg.edu.br

³ Estudante do Curso Técnico em Meio Ambiente no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Águas Lindas. E-mail: laylasuelleng@gmail.com

(discursive) differences would there be between being faithful and being unfaithful? To understand what seems to motivate the separation among subjects in gospel style songs, we are guided by Foucault (1995), especially with regard to the notion of “pastoral power”, which is, minimally, related to promises made beyond the grave. In order to answer the question, we base ourselves on authors of the Discourse Analysis (DA): Pêcheux (2008) and Orlandi (1987, 2005). From this discipline of interpretation they make, allow us to look at the language, tacked to man and society, with less naivety and more criticality. In this theoretical field, the notion of “un-said” is very important, because it points out certain divisive meaning effects. To make this article, we aim at problematizing how the exercise of pastoral power in gospel song can lead to the production of the divisive discourse through the presence of un-said in the said, as well as we aim at analyzing possible meaning effects produced by this division, like exclusion and hatred.

KEY-WORDS: Discourse; Gospel; Division.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, é inquestionável o fato de que a Igreja Evangélica⁴ tem se propagado globalmente. Prova disso é a grande quantidade de redes de televisão e de rádios vinculadas a essa Igreja. Junto a essa propagação, em que pastores e pastoras determinam direcionamentos comportamentais aos seus (não) adeptos, (in)fiéis, surgiram vários cantores e cantoras de música evangélica, lembrando que, “no Brasil, *gospel* é um conceito guarda-chuva que se refere à música evangélica de maneira geral” (grifo da autora) (ROSAS, 2015, p. 238, nota de rodapé). Assim, o que consideramos como músicas de estilo gospel, ou simplesmente música gospel, são aquelas alinhadas diretamente à religião, sobretudo evangélica, que comporta diversas Igrejas, com práticas e pensamentos convergentes e divergentes entre si.

Na atualidade, as comunidades religiosas, principalmente as denominadas como cristãs, têm a música como componente essencial em suas reuniões e práticas litúrgicas. (...) Com o tempo, a música das práticas litúrgicas passou a compor também as emissoras de rádio, ficando, assim, conhecida por música gospel (PEREIRA e TRIGUEIRO, 2019, p. 95).

Em geral, esse estilo musical é permeado por melodias comoventes, as quais são difundidas por nomes da música que se popularizaram, de maneira que, “(...) entre o fim da primeira década do século XXI e o início da segunda, foi notório o crescimento da

⁴ Neste texto, tomamos a expressão “Igreja Evangélica” como sinônima de “religião evangélica”, pensando essa religião em suas mais variadas vertentes, com seus diversos nomes e práticas, ou melhor, “Igrejas”.

participação de artistas e líderes evangélicos na grande mídia de massa” (COSTA, 2016, p. 2). Se a música gospel já esteve ligada a indivíduos excluídos, hoje o cenário parece ser bem diferente, posto que “certas músicas”⁵ desse estilo, na atualidade, indiciam intolerância religiosa, ou seja, desrespeito a outras crenças ou descrenças religiosas.

Neste artigo, analisamos músicas de estilo gospel em que, discursivamente, seja possível perceber a divisão entre fiéis e infiéis. Por exemplo: lançada no ano de 2008 pela gravadora Louvor Eterno, o álbum *Apocalipse*, da artista Damares, traz, entre outras, a música *Sabor de Mel*. Logo no início dessa música, é dito que “O agir de Deus é lindo / Na vida de quem é fiel”. Chama-nos a atenção a separação promovida, nesses simples versos, entre a boa ação de Deus para os fiéis e a Sua má ação para os infiéis. Essa divisão leva-nos a perguntar: que possíveis diferenças (discursivas) haveria entre ser fiel e ser infiel? Para compreendermos o que parece motivar a separação entre sujeitos em músicas de estilo gospel, pautamo-nos em Foucault (1995), sobretudo no que diz respeito à noção de “poder pastoral”, a qual tem relação, minimamente, com promessas feitas para além-túmulo.

A fim de respondermos àquela pergunta, embasamo-nos em autores da Análise de Discurso (AD): Pêcheux (2008) e Orlandi (1987, 2005), os quais, a partir dessa disciplina de interpretação que constroem, permitem-nos olhar para a linguagem, alinhavada ao homem e à sociedade, com menos ingenuidade e mais criticidade. Nesse campo teórico, a noção de “não-dito” é muito cara, pois indicia certos efeitos de sentido divisores, de modo que, no tópico a seguir, discorreremos sobre essa noção para construirmos uma maneira própria de análise. Por fim, objetivamos problematizar como o exercício do poder pastoral pode levar à produção do discurso divisor mediante a presença de não-dito no dito, bem como objetivamos analisar possíveis efeitos de sentido produzidos, em música gospel, por essa divisão, como exclusão e ódio.

DISCURSO, MATERIALIDADE DISCURSIVA E NÃO-DITO: UM PASSO PARA A ANÁLISE

Partimos da noção de discurso ligado à ordem do acontecimento discursivo e da estrutura, articulando presente e passado, “o aqui e o agora” e o interdiscurso (a memória discursiva), que é tudo que já foi dito e tudo a ser dito. O acontecimento na estrutura

⁵ Afirmamos “certas músicas” por duas razões: a) conhecemos uma parcela significativa de músicas do estilo gospel; b) analisamos aqui um número reduzido de músicas desse estilo, a fim de atendermos ao recorte esperado em um artigo científico de nossa perspectiva teórica.

evidencia a presença da enunciação, a qual produz a (re)atualização da memória, da estrutura, logo efeitos de sentido (im)previstos, embora, em última instância, levar em conta o acontecimento é levar em conta a regularidade discursiva vinculada a práticas sociais. Por isso, nosso olhar teórico e metodológico volta-se para a análise do possível modo de funcionamento discursivo de certas músicas de estilo gospel que indiciam a divisão discursiva, o que as torna, do nosso ponto de vista, nossa materialidade discursiva.

Ao tratarmos de materialidade discursiva, estamos falando do imbricamento da linguagem, da memória discursiva e do sujeito. Partimos de uma perspectiva teórica que considera a possibilidade do(s) sentido(s) outro(s), isto é, o discurso está para a ordem de uma inquietude fundante, pois é efeito de sentido entre (inter)locutores, sendo estes não a pessoa física, empiricamente falando, mas, sim, o lugar discursivo, o sujeito discursivo, que não é origem do dizer, nem do sentido. Isso porque, conforme Orlandi (2005, p. 32), “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história [interdiscurso] e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas 'nossas' palavras”. Portanto, diríamos que a música gospel, de modo geral, apresenta um determinado modo de funcionamento discursivo, pois faz parte de uma prática social, qual seja, a religiosa, mais especificamente, neste trabalho, a prática evangélica, que (re)atualiza uma certa rede de memória discursiva.

Visto que, de acordo com Pêcheux (2008), qualquer dizer é passível de pontos de deriva, isto é, um efeito de sentido outro sempre pode ser percebido nos dizeres, logo a interpretação é apenas um recorte, não havendo (interpretação do) todo, o que vai ao encontro do pressuposto discursivo de que não há metodologia pronta e acabada para lidar com o(s) sentido(s). Assim, entra em cena a responsabilização pela interpretação assumida/bancada, tendo como parâmetro essencial a relação indissociável entre linguagem e interdiscurso na constituição da materialidade discursiva.

É imperioso dizermos que a AD em que nos embasamos não tem a pretensão de encontrar o sentido de textos, ordem de uma impossibilidade, mas, sim, construir efeitos de sentido possíveis a partir da materialidade linguística (língua) ou mesmo a partir de outras materialidades de linguagem. A AD a que nos filiamos procura entender, por exemplo, não-ditos no dito. Pêcheux (2008, p. 44), referindo-se a novas práticas de leitura, afirma haver “(...) relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito”. Entender essa presença seria, a nosso ver,

entender sentidos que estão em latência, de sorte a tentar explicitar efeitos de sentido que dizem respeito a certo funcionamento discursivo.

Tomamos a noção de “não-dito” como um discurso outro que emerge e marca uma posição outra coexistindo nos dizeres. De certa forma, no caso da música gospel, a possível presença de não-ditos que indiciam um discurso divisor, ou melhor, que separam os fiéis, os ditos cidadãos de bem, dos infiéis, os ditos cidadãos do mundo. Esse estilo musical, ao procurar unir os “verdadeiros” fiéis ou resgatar os “falsos” fiéis ou os infiéis, separa, via a produção de não-dito, os primeiros dos segundos. A nosso ver, essa divisão ocorre pelo exercício do poder pastoral se presentificando em música gospel.

PODER PASTORAL E(M) MÚSICA GOSPEL: MOMENTO DA ANÁLISE

De nossa perspectiva teórica, o homem é constituído de linguagem e, por isso, as relações humanas são (per)passadas por ela, de maneira que as relações de poder, conforme Foucault (1995, p. 241), “(...) se exercem por um aspecto extremamente importante através da produção e da troca de signos”, sendo estes linguísticos – união entre significados e significantes – ou não. Em outras palavras, compreendemos que o poder é exercido via linguagem, a qual possui múltiplas materialidades. Ainda segundo Foucault (1995, p. 240), o poder “(...) coloca em jogo relações entre indivíduos (ou entre grupos). (...) um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras”. Então, a operação de não-dito indiciando o discurso divisor em música gospel é, a nosso ver, efeito de um modo de ação que procura (as)segurar a fidelidade de fiéis ou resgatar certos fiéis ou infiéis, pois promove promessas para além deste mundo; ação essa decorrente do exercício do poder pastoral. De acordo com Foucault (1995, p. 237),

esta forma de poder é orientada para a salvação (por oposição ao poder político). É oblativa (por oposição ao princípio da soberania); é individualizante (por oposição ao poder jurídico); é *co-extensiva à vida e constitui seu prolongamento*; está ligada à produção da verdade – a verdade do próprio indivíduo (grifos nossos).

A partir dessa citação, entendemos que o poder pastoral “garante” a salvação do indivíduo não só nesta vida, como também em uma possível outra vida, ou melhor, neste e em outros possíveis mundos. Nas músicas de estilo gospel em que é possível perceber o exercício do poder pastoral, ao “garantir” a salvação dos “verdadeiros” fiéis em detrimento

dos “falsos” fiéis ou dos infiéis, esse exercício promove uma separação entre os “escolhidos”, indivíduos de Deus, e os “excluídos”, indivíduos mundanos.

A música Apocalipse, presente no álbum já citado da cantora Damares, indicia a divisão discursiva via presença de não-dito. A canção fala sobre acontecimentos citados no livro bíblico também nomeado Apocalipse, no qual é narrada a decadência do mundo e o seu eventual fim, sendo poupados de todo o sofrimento e arrebatados ao Paraíso apenas os considerados fiéis. Tal visão separatória pode ser percebida nos versos: “enquanto a Igreja lá no céu recebe o galardão / a terra vai entrar na fase da tribulação”. Esses versos, constituídos pelo exercício do poder pastoral, dada a “garantia” de salvação em um possível plano espiritual, permitem pensar que aqueles que têm uma vida considerada mundana não entrarão no reino de Deus e, portanto, sofrerão toda a Sua ira. O emprego da conjunção “enquanto”, no início dos versos, parece criar uma espécie de paralelo, acentuando o efeito de discurso divisor.

A canção continua a contar a história aterradora, colocando a Igreja como uma espécie de instituição superior, separando-a do resto da humanidade. Os versos: “(...) no apocalipse, a Igreja estará no céu / porque deus não deixa perecer aquele que é fiel”, apontam o não-dito de que apenas o grupo seletivo denominado “(da) Igreja”, com o acréscimo do adjetivo “evangélica” – provavelmente ainda uma vertente específica dentro desse segmento religioso –, é bom o suficiente para não sofrer com a decadência e o fim da humanidade. O verbo “perecer” pode significar “deixar de viver”, “morrer”, “extinguir-se”, porém, por seus empregos relacionados a alimentos, por exemplo, pode significar “apodrecer”, “decompor-se”. Quem não estiver com uma determinada Igreja Evangélica, ou melhor, não fizer parte dela e de suas práticas, será punido com a justiça divina, merecendo seu esquecimento. Essa justiça somente valoriza os tidos como fiéis, tendo estes a salvação neste mundo, bem como no Paraíso, o que remete novamente ao exercício do poder pastoral, já que há a promoção de “garantia” para além desta vida.

Também nessa perspectiva que remete ao fim do mundo, a música Santificação, *single* do álbum homônimo, lançada em 2014 pela gravadora *MK Music* e performada pela cantora Elaine Martins, traz os versos: “Teus olhos têm que refletir / O brilho do Senhor que há em ti / Não se contamine com o mundo não”. Esses versos permitem-nos perguntar: o que haveria de tão vil no mundo a ponto de “contaminar” alguém? Uma possível resposta seria: tudo aquilo que não representa as práticas da Igreja Evangélica, como festas com bebidas alcoólicas, músicas com letras de protesto, danças sensuais, etc., práticas essas

DISCURSO DIVISOR

consideradas uma espécie de “infecção”, “doença”, ofuscando tal brilho, logo produzindo impureza. Para ser considerada uma prática que “contamina”, basta ser diferente das práticas adotadas por certa vertente evangélica. Se os bons, os puros e os dignos estão na Igreja, os outros são ruins, impuros e indignos, e, conseqüentemente, também o são as suas práticas. A presença de não-dito no dito indicia o possível efeito de separação entre a vida dos fiéis bons e puros, dignos do Senhor, dos fiéis ruins e impuros ou infiéis, indignos Dele.

Em outros versos da mesma música, é dito o seguinte: “No grande dia ninguém pode escapar / O pecado encoberto Ele vai mostrar / O juiz naquele dia dará a sentença / Céu ou inferno, qual tua recompensa?”. O discurso divisor via a operação de não-dito no dito mostra que o mesmo Deus que resgata os fiéis comprometidos está pronto para expor e condenar qualquer um que não seja abençoado, ou melhor, que não seja de certa Igreja Evangélica e atenda seus preceitos. No refrão, a todo fôlego, a cantora entoia que “Só entra no Céu quem aqui for fiel / Santificação, pra morar lá em Sião”, isto é, minimamente, em um lugar tido como seguro, conforme as Escrituras. A entrada no Paraíso, a partir dessa divisão discursiva, ocorrerá somente com os fiéis de determinada Igreja Evangélica, os quais devem obedecer piamente às suas práticas para que sejam abençoados, santificados e salvos.

Compreendemos que a fidelidade à Igreja Evangélica e às suas práticas é um passo anterior para se alcançar a santidade, o que nos remete ao tão consubstanciado pensamento de várias vertentes religiosas de que, fora da Igreja, não há salvação. Quem não atingir a santificação prometida pela Igreja Evangélica, que parece exercer o poder pastoral em suas práticas, sendo uma delas a música gospel, é culpado, logo terá o abandono de Deus e, conseqüentemente, o sofrimento eterno como resultado de uma vida de infidelidade, merecendo a exclusão (social) e, até mesmo, o ódio. Tanto a exclusão quanto o ódio podem ser percebidos como efeitos da divisão discursiva via não-dito.

Nessa perspectiva excludente e odiosa, a música Sete Trombetas, lançada em 2010 pela gravadora *Praise Records*, é a primeira faixa do álbum Vou Adorar. Cantada por Lauriete, essa música aponta, via a operação de não-dito, um final tenebroso para os fiéis impuros e para os infiéis, sendo estes e aqueles os excluídos. Assim como ocorreu nas músicas anteriores, há, nessa música, a narrativa acerca dos horrores do fim do mundo, como nos versos: “Na terceira vez que a trombeta tocar / Uma grande estrela do Céu cairá / Destruindo as fontes das águas / Envenenados muitos homens morrerão”. “Pintando” um

cenário caótico e perturbador, essas tragédias são citadas, de sorte que produzem um possível efeito aterrorizador, sendo os mais vulneráveis os excluídos, que são aqueles que morrerão por envenenamento, estando separados (discursivamente) dos escolhidos.

No início do refrão, “Eu quero estar além de tudo, eu não pertencço a este mundo”, por meio do exercício do poder pastoral, há o possível desejo de os escolhidos, com a “garantia” da fidelidade e da santidade, já estarem salvos quando qualquer sinal do fim do mundo chegar. Por isso, é dito, no restante do refrão, que “Eu vou guardar a minha fé, pra não perder minha coroa / Preciso andar em santidade, pra ver a face do meu noivo / E adorar na excelência o Todo Poderoso”. Com a presença de não-dito, há um risco de até os escolhidos, ao sinal de qualquer infidelidade, serem deixados de fora do desfrute da paz e da calma do Paraíso, caso não sejam tidos como santificados o suficiente, ou seja, caso não sejam considerados como verdadeiros fiéis na plenitude da adoração ao Senhor.

A música *deus nos amou*, lançada no ano de 2004, presente no álbum *quem é jesus*, da banda *crianças diante do trono*, diz, já no início: “Quem pecar, vai pagar / Quem pecar, vai morrer / Mas Deus não iria deixar / Aqueles a quem Ele ama / Sofrer sem parar”. Novamente, percebemos um não-dito operando e indiciando que há um Deus que promove divisões entre fiéis verdadeiros, puros e não pecadores, falsos fiéis ou infiéis, tidos como impuros e pecadores, logo dignos de serem punidos até com a própria morte. Esse mesmo Deus não ama todo mundo, tanto que o sofrimento (maior) é justamente para estes últimos (falsos fiéis ou infiéis), os não amados, os excluídos, os que merecem ser odiados por serem indignos. Se até Deus, considerado em diversas vertentes religiosas o Pai Todo Poderoso, exclui e odeia seus próprios filhos, o que resta aos que são dignos? Fazer a vontade do Pai: excluir e odiar também!

No álbum *Santificação*, já citado, há uma música denominada *Últimos Dias*. No verso “Acorda, Igreja, o Céu espera os fiéis”, é possível entender, via a presença de um não-dito, que somente estes, os escolhidos, aguardados com toda uma sorte de bençãos, serão alertados sobre os possíveis ganhos de estarem vinculados à Igreja, mais especificamente Evangélica, porém não é uma qualquer, é aquela à qual a música está possivelmente atrelada. Mais ao final da música, o dizer “Eu não quero amizade com quem quer ficar aqui” escancara a rejeição aos excluídos, o escracho a estes. Afinal de contas, aqueles que ficarem aqui, na vida mundana, serão justamente aqueles que não estão em certa Igreja Evangélica praticando seus preceitos. Não há, portanto, nenhum problema em relação à exclusão desses infiéis ou fiéis impuros, que não almejam e/ou se dedicam a

chegar ao Paraíso, sendo estes dignos de ódio. Em outras palavras, o desejo dos que querem permanecer no mundo parece ser tão inapropriado que até mesmo o ódio a eles por parte dos “verdadeiros” fiéis torna-se algo louvável e referendado por Deus.

A partir das músicas analisadas, percebemos uma divisão discursiva, de modo que os escolhidos são os fiéis vinculados à Igreja Evangélica, lembrando que, em diversas vertentes religiosas (não) evangélicas, só a Igreja salva. Mesmo se alguém é visto como bom, mas não é da Igreja Evangélica e de suas práticas, logo não é um escolhido, o que nos remete, historicamente, ao seguinte dizer racista: “preto de alma branca”, ou seja, alguém que, por ser negro, não é visto como bom, sendo, pois, que um negro bom seria uma exceção, e a bondade seria virtude apenas dos brancos, assim um possível negro bom só pode assim ser por ter “alma branca”. Mais recentemente, percebemos uma relação parafrástica com o seguinte dizer: “ateu de alma evangélica”, isto é, alguém que, por ser ateu, não seria capaz de ser bom, sendo outra exceção, então o ateu não estaria entre os escolhidos, mas entre os excluídos por Deus e pelos fiéis. Conforme verso presente na última música analisada, “Todo o que crê, Ele [Deus] pode salvar”. Via presença de não-dito, diríamos que, para o ateu, a salvação divina torna-se inapropriada, impossível ou inexistente. Isso nos permite pensar acerca de um Deus que separa e castiga, que não vai acolher, no conhecido dia do Juízo Final, todo mundo para o descanso eterno no Céu, somente os tidos como escolhidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Várias músicas de estilo gospel, que poderiam propagar mensagens de paz, pois se pautam no pensamento cristão de amor ao próximo, na verdade separam os ditos fiéis dos infiéis, mostrando-se impregnadas por construções discursivas que evidenciam não-ditos de uma possível prática discursiva divisora, qual seja, a prática da Igreja Evangélica. Portanto, essa prática iria de encontro à ideia de que “a reflexão crítica está para o pensamento de resistência que oportuniza a autonomia e o desenvolvimento da consciência humana, do decidir com real liberdade de escolhas” (PEREIRA e TRIGUEIRO, 2019, p. 100), posto que não parece promover o respeito às diferenças, por outros modos de ser e de pensar que não estejam vinculados aos da Igreja Evangélica. Isso nos permite pensar que ser fiel é agir em consonância com determinada vertente religiosa evangélica, e ser infiel é agir em desacordo com essa vertente, sendo alguém que não obedece às leis de Deus

presentes na palavra (única e literal) da Bíblia Sagrada. “A interpretação própria da palavra de Deus é, pois, regulada” (ORLANDI, 1987, p. 246), não abre para o contraditório, o diferente.

Muitas músicas de estilo gospel propagam mensagens que prometem uma série de fortúnios neste e em outros possíveis mundos, implantando noções de merecimento seletivo em comunidades evangélicas por meio do que estas consideram como justiça divina. Em última instância, agora abarcando outras possíveis religiões, “os sentidos não podem ser quaisquer sentidos: o discurso religioso tende fortemente para a monossemia” (ORLANDI, 1987, p. 246), o que indicia a divisão discursiva entre os fiéis e os infiéis, ou melhor, os escolhidos, os de Deus, que são bons e cidadãos de bem, e os excluídos, os do mundo, que são ruins e pecaminosos, tidos, muitas vezes, como “tipinhos”.

Tomando como materialidade discursiva as músicas de estilo gospel que analisamos, diríamos que o funcionamento discursivo desse estilo musical relaciona-se à disseminação da imagem de (um) Deus capaz de castigar, condenar e rejeitar. Nas músicas presentes neste artigo, percebemos que é defendida a tese de que Deus é bom somente com os fiéis, porém não são quaisquer uns, são os vinculados a certas Igrejas Evangélicas e suas práticas. Na música Sabor de Mel, já analisada, é dito o seguinte: “Eu nunca vi um escolhido sem resposta”. Chama-nos muito a atenção o exercício do poder pastoral nesse verso, o qual “garante” a salvação do escolhido, do fiel, no mundo e no além-túmulo. Também chama-nos muito a atenção a presença de não-dito operando e indiciando que, quem não é escolhido, não tem resposta, logo Deus humilha, pune e exclui. Se, por um lado, Ele é justo, ao salvar aqueles que foram dignos; por outro, Ele não se mostra piedoso, bondoso, amoroso, salvador, etc.

A representação vingativa acerca de Deus cria uma imagem contraditória àquela culturalmente propalada acerca de Ele ser misericordioso, apagando a importância de todos os que são de outras (des)crenças religiosas, o que indica a existência estrutural de intolerância religiosa. Segundo Steck (2013, p. 1), essa intolerância “(...) é um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças e práticas religiosas ou a quem não segue uma religião. É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana”. Assim, a música gospel que exclui por meio de construções discursivas divisoras não respeita outras formas de religião ou de não religião, evidenciando em seu funcionamento discursivo a intolerância, a qual emerge, muitas vezes, sutilmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, E. R. de O. O que é música gospel? O conceito de mediação na análise de uma nova categoria de produtos culturais. In: **Intercom**: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. São Paulo, 2016.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (orgs.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 1987.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

PEREIRA, E. P. R.; TRIGUEIRO, M. R. Indústria cultural e música gospel: reflexões sobre a prática religiosa do século XXI. **Relegens Thréskeia**, v.8, n.2, p. 94-114, jul./dez. 2019.

ROSAS, N. “Dominação” evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v.5, n.1, p. 235-258, jan./jun. 2015.

STECK, J. **Intolerância religiosa é crime de ódio e fere a dignidade**. Jornal do Senado. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496197>>. Acesso em: 14 de jul. 2020.

MÚSICAS

Apocalipse. Damares. Álbum Apocalipse: Louvor Eterno, 2008.

Sabor de mel. Damares. Álbum Apocalipse: Louvor Eterno, 2008.

Deus nos amou. Crianças Diante do Trono. Álbum Quem é Jesus, 2004.

Santificação. Elaine Martins. Álbum Santificação: *MK Music*, 2014.

Sete trombetas. Lauriete. Álbum Vou Adorar. *Praise Records*, 2010.

Últimos dias. Elaine Martins. Álbum Santificação: *MK Music*, 2014.